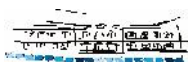


Manuel Carvalho



*uma casa com história:
mais de 150 anos de ensino secundário*



**Escola Secundária de Homem Cristo
Aveiro**

o corpo

Falamos da casa. Nasceu em 1860, com inauguração discreta no dia 15 de Fevereiro, porque assim o determinou a mesquinhez da política local, que andava de candeias às avessas com José Estêvão, indiscutível progenitor do recém-nascido.

É um edifício de grande volume horizontal, com cobertura de quatro águas, constituído por dois pisos e apresentando uma fachada corrida. Projectou-lhe as formas e riscou-lhe as salas o director das Obras da Barra e das Obras Públicas do distrito de Aveiro, Eng.º Agostinho Lopes Pereira Nunes, que frequentou a Universidade de Coimbra com os irmãos Coelho de Magalhães – José Estêvão, António Augusto e Luís Rufino –, e que, embora em anos diferentes, tinha sido condiscípulo do último na Faculdade de Matemática e na Faculdade de Filosofia Natural.

A fachada divide-se verticalmente em três sectores, enquadrados lateralmente por quatro pilastras toscanas, que sobem do soco ao entablamento, com prolongamento na platibanda, e, horizontalmente, em dois pisos, individualizados por friso estreito e saliente. O entablamento inclui friso e cornija bem saliente, acima da qual corre uma platibanda que se desenvolve ao longo dos quatro lados do edifício e que, numa pequena parte da frontaria, é escondida por frontão triangular, a rematar o sector central, em cujo tímpano se aloja um baixo-relevo de pedra com as armas de Portugal.

A harmonia da fachada não se quebra com a distribuição das aberturas, todas de arco quebrado, em revivalismo gótico, cujo estilo e dimensão equilibram o conjunto. O primeiro andar rasga-se em onze altas janelas de sacada, quatro em cada sector lateral e três no sector central, guardadas por gradeamento de ferro forjado. As oito janelas do rés-do-chão, quatro em cada sector lateral, sobrepõem um soco em cantaria, que acompanha toda a fachada, com interrupção para os vãos das três portas que se abrem no sector central. O paramento é enriquecido com a pedra à vista no soco, nas molduras de janelas e portas, nos frisos, no entablamento, no frontão e na platibanda, pedra que contrasta em belo efeito com o revestimento branco da alvenaria.

Na fachada lateral nor-noroeste, a única fachada lateral existente,

já que o lado oposto está adossado ao Teatro Aveirense, havia oito janelas, quatro no primeiro andar e quatro no rés-do-chão, iguais às da fronteira. O acrescento da ala nova, em 1961, entaipou uma das janelas do primeiro andar e duas do rés-do-chão, que desapareceram no encostamento das duas estruturas.

Na fachada posterior abrem-se nove janelas no primeiro andar e oito no rés-do-chão, todas ogivais e idênticas às do andar térreo da fronteira. As dezasseis janelas, com localização no enfiamento das que ocupam os sectores laterais da fachada principal, são todas iguais; a décima sétima, que é um pouco mais curta, com menos uma fieira de vidraças, ocupa o centro do primeiro andar e sobrepuja a construção paralelepípedica de dois pisos com um pé-direito mais baixo que o do restante edifício, de tal forma que a entrada no andar superior deste corpo se faz pelo patamar intermédio da escada principal.

A compra dos terrenos e casas, que confrontavam com a fachada posterior do edifício, possibilitou a construção da nova ala, dos alpendres exteriores e serviços anexos, do ginásio, do recreio e dos campos de jogos.

A entrada do edifício faz-se por átrio de boa dimensão, enquadrado pelas ogivas das três portas de ligação ao exterior, das quatro portas laterais (duas de cada lado) e dos três arcos que se abrem na parede do fundo, no enfiamento das três portas primeiro referidas e de outros três arcos paralelos e no mesmo enfiamento, de acesso às escadas, uma que desce para o recreio e duas que sobem para o piso superior, acompanhadas por balaustradas de ferro forjado com corrimão de madeira. Ao átrio segue-se um pequeno *hall*, enquadrado igualmente por ogivas: as três comuns ao átrio, as três paralelas de acesso às escadas e mais duas laterais, uma de cada lado, correspondendo às portas de acesso aos respectivos corredores.

No início pouco mais havia: eram oito grandes salões, quatro em cada piso. A escola do autor do projecto só tinha espaço para as aulas; não havia lugar a compartimentos para o trabalho dos professores, para o sector administrativo, para a recepção dos encarregados de educação, para o gabinete do reitor. Mas foi a grande dimensão dos salões que permitiu que hoje lá esteja tudo.

a alma

Nasceu primeiro, antes do corpo, no espírito reivindicativo, corajoso e progressivo de José Estêvão Coelho de Magalhães, onde foi crescendo, desde a ideia que presidiu à sua intervenção parlamentar de 1853, exigindo a edificação de uma casa, construída de raiz, para o liceu da sua terra, até à inauguração do edifício em 1860. **FOI O PRIMEIRO EDIFÍCIO CONSTRUÍDO EM PORTUGAL PARA ALBERGAR UMA ESCOLA DO ENSINO SECUNDÁRIO**, já que todos os outros liceus ocuparam instalações já existentes, na maioria dos casos residências ou institutos religiosos. Mais. Ao longo de todo o século XIX, no que respeita a Portugal, só encontramos outro liceu construído de raiz, o de Leiria, mas trinta e quatro anos depois.

Passados que foram mais de 150 anos, a casa continua, sem interrupção¹, a responder aos objectivos que nortearam a sua construção, embora o tempo e o progresso lhe tenham imposto acrescentos e alterações.

Ficaram por cá, falamos da casa, os ideais oitocentistas da liberdade, porque um povo só pode ser livre se tiver acesso à educação, se usufruir da instrução. Ficaram por cá os valores da liberdade defendida por jovens aveirenses, com dezassete anos ou pouco mais, que, destemidos, se levantaram em armas contra o absolutismo miguelista, combatendo nas fileiras dos batalhões académicos, formados na Universidade de Coimbra em 1826 e 1828, arriscando a vida, dos Açores ao continente, nas lutas civis de 1828-1834, envolvendo-se no constitucionalismo setembrista, fazendo frente à política anti-democrática do cabralismo e marcando presença na Patuleia e na Maria da Fonte. Era um deles o deputado que em 1853 exigia a construção deste edifício; era um deles o reitor Francisco José de Oliveira Queirós que, em 1860, inaugurava estas paredes:

Em 15 de Fevereiro de 1860 foi aberto o edifício do liceu nacional, havendo então algumas demonstrações de regozijo, promovidas pelos estudantes, para cujas despesas concorreu este aveirense [o reitor Francisco Queirós] e concorreram alguns dos professores. Como reitor do mesmo estabelecimento escolar, praticou a certi-

¹ vd., a seguir, tabela com as escolas que ocuparam este edifício e respectivas designações.

mónia de abrir as portas do novo edifício. Em seguida e depois de haverem entrado as pessoas, que a isso tinham direito, e aquelas que para isso foram previamente convidadas, pronunciou um pequeno mas eloquente discurso a respeito de tão notável melhoramento, felicitando-se e felicitando os professores, os estudantes e os aveirenses em geral, e louvando muito José Estêvão, a cuja influência se ficou a dever a construção do mesmo edifício e cujos serviços lembrados jamais deveriam ser esquecidos.²

A pedra, retirada da velha muralha quatrocentista, mergulha-nos na vetusta Aveiro de camponeses, marinheiros, pescadores e marnotos. Por vezes interrogamo-nos sobre as razões que teriam levado o infante D. Pedro a levantar as muralhas numa época tão tardia, entrado que estava o século XV. Não descortinamos o inimigo, que afinal acabaria por chegar, nas alterações que a natureza impôs na costa marítima, com a barra a abrir em Mira e a determinar o alagamento das zonas mais baixas da vila, a ditar a falência da actividade marnoteira e do tráfico marítimo, a causar a morbidez dos mais desfavorecidos, uma elevada mortalidade e o despoamento da região.

Ora, o concerto das coisas coube à velha muralha. Numa região quase sem pedra, foi a pedra da muralha que levantou os paredões que abriram a barra em 1808, e ainda sobrou para responder às necessidades da casa liceal. E é pela pedra, pelo espírito da pedra, que a velha casa mergulha mais longe no passado aveirense.

Pelos bancos deste liceu passaram grandes mestres e grandes nomes das elites locais e nacionais. Aqui estudava o futuro médico Mário Sacramento, já precoce político e escritor, quando, com 17 anos e a poucos dias de terminar o curso liceal, a PVDE, a antecessora da PIDE, o veio buscar para a sua primeira prisão política, no "antro da Rua do Heroísmo"³ do Porto. Aqui ensinaram professores como Agostinho da Silva, afastado pela sanha salazarista, ou pedagogos como Álvaro Sampaio e José Pereira Tavares, fundadores, com outros professores do Liceu, da revista *Labor*, que viria a destacar-se na defesa da profissão docente, na formação dos professores e na organização do ensino secundário que,

² QUADROS [Oudinot], [José Reinaldo] Rangel de (2000) – *Aveirenses notáveis*. Aveiro: Câmara Municipal, 2000. p. 286.

³ SACRAMENTO, Mário – *Diário*. Porto: Lumiar, 1975. p. 17.

como sabemos, começava no quinto ano de escolaridade.

A *Labor* surgiu em 1926, a poucos meses da revolução que poria fim à Primeira República. Deve-se à revista a organização do primeiro congresso do ensino liceal, denominado *Congresso Pedagógico do Professorado Secundário Oficial*, que se realizou em Aveiro, nas instalações do Liceu, nos dias 10, 11 e 12 de Junho de 1927 e que se repetiria anualmente noutras cidades do país, até 1931.

Aqui germinou a Federação das Associações dos Professores dos Liceus Portugueses, criada em Lisboa, no mês de Maio de 1926, em assembleia realizada nas instalações do Liceu de Passos Manuel, numa assumida opção geográfica dos homens da *Labor*, centrados sobretudo no êxito da iniciativa, em detrimento de soluções bairristas. Os trabalhos do acto fundador da Federação começaram pela leitura de um extenso relatório, dando conta de todas as actividades preparatórias, apresentado por José Pereira Tavares, director da *Labor*, professor e reitor do Liceu de Aveiro, propugnador da associação.

A *Labor* irá calar-se em Janeiro de 1932, para responder à tacanhez de alguns, oferecendo o espaço e a oportunidade para o aparecimento de uma nova revista, que pudesse ser o órgão reconhecido da recém-criada Federação. A falta de resposta dos críticos, e o vazio deixado pelo desaparecimento da *Labor*, ditou o seu reaparecimento, que acontecerá com a publicação do n.º 39, o primeiro da segunda série, em Outubro de 1932.

O desânimo nunca passou por aqui, mesmo quando os ataques do Estado Novo, agravados após a publicação do Estatuto do Trabalho Nacional⁴, atingiram tudo aquilo que os professores tinham conseguido:

Acabaram-se os Congressos; desapareceram os Núcleos; a Casa dos Professores nunca passou duma esperança; a Associação do professorado liceal não pode viver porque está fora da lei. Só resta de pé a *Labor*, a única voz de que os professores do ensino secundário dispõem neste momento. Mais do que nunca, há necessidade de a manter. [...] Parecia que o mais lógico seria suspender a revista e fazer apenas de funcionário. Mas não o entendemos assim. Há de ser a nossa actividade, a actividade que vai para

⁴ Decreto-Lei n.º 23.048 de 23 de Setembro de 1933, publicado no Diário do Governo, 1ª série, n.º 217, p. 1655-1658.

todos os liceus que ajudará o nosso triunfo.⁵

Esta série da *Labor* durou até Junho de 1940, mas haveria ainda uma 3ª série, da propriedade de José Pereira Tavares e de José Augusto Teixeira, que se publicou regularmente por mais vinte e dois anos, de Março de 1951 (n.º 111) a Junho de 1973 (n.º 312), continuando mesmo depois da jubilação do reitor Tavares, que teve de abandonar o ensino em 1957, por limite de idade.

Este edifício com história, que hoje acolhe a Escola Secundária de Homem Cristo, continua, 150 anos depois da sua construção, a integrar o imaginário dos actuais e antigos alunos, professores e funcionários, contribuindo para o fortalecimento dum espírito de corpo e duma identidade que atingem a sua plenitude quando se abrem ao exterior, rejeitando qualquer tipo de enquistamento.

Talvez por isso haja grupos que aqui se reúnem para comemorar a sua passagem pelo liceu, mesmo que esta escola não seja a sua herdeira.

⁵ Artigo assinado pel' A Direcção e intitulado "O que resta de pé", in *Labor*, Ano 8, 2ª série, n.º 56 (Jun. 1934), p. 525-526. A censura deixou passar o escrito, talvez porque servisse para mostrar aos liceus quem mandava...

<i>designações das escolas que ocuparam o edifício</i>		
<i>data</i>	<i>designações antigas</i>	<i>designações actuais</i>
1860 – 1952	<i>Liceu Nacional de Aveiro</i>	<i>Escola Secundária de José Estêvão</i>
	1916 Liceu Central de Aveiro	
	1919 Liceu Central de Vasco da Gama	
	1927 Liceu de José Estêvão	
	1947 Liceu Nacional de Aveiro	
1952 – 1956	<i>Escola Industrial e Comercial de Aveiro (EICA)</i>	<i>Escola Secundária de Mário Sacramento</i>
1956 – 1975	<i>Liceu Nacional de Aveiro, Secção do</i>	<i>Escola Secundária de José Estêvão</i>
1975 –	<i>Escola Secundária de Aveiro</i>	<i>Escola Secundária de Homem Cristo</i>
	1979 Escola Secundária N.º 2 de Aveiro	
	1987 Escola Secundária de Homem Cristo	

<i>cronologia</i>	
<i>ano</i>	<i>factos</i>
1851	<p>Julho, 14, primeira acta do conselho escolar: o liceu de Aveiro considera-se "interinamente instalado", para poder efectuar o exame dos Preparatórios dos ordinandos, de acordo com as portarias de 25-09, 08-10 e 29-11 de 1850 e das instruções recebidas do Conselho Superior de Instrução Pública.</p> <p>Outubro, 20: o liceu instala-se em dependências do Paço Episcopal e começa a funcionar definitivamente. A diocese aveirense era então <i>sede vacante</i>.</p>
1852	<p>Instala-se em casas arrendadas, cuja localização se desconhece e onde permanece poucos meses.</p> <p>Muda para um prédio sobradado, de Francisco José de Pinho Ravara, sito na Rua de Santa Catarina (actual Rua 31 de Janeiro).</p>
1853	<p>Julho, 16: JOSÉ ESTÊVÃO fala no Parlamento, requerendo a construção de um liceu em Aveiro e apontando as RUÍNAS DA ALBERGARIA DE S. BRÁS, na Praça Municipal [actual Praça da República], como o local ideal para o efeito. Perseguido este desiderato, José Estêvão move-se nos meandros da política governamental, mas também activa as forças vivas aveirenses, e a representação distri-</p>

<i>cronologia</i>	
<i>ano</i>	<i>factos</i>
	tal das Obras Públicas, que se encarregará de elaborar o respectivo projecto [planta e orçamento].
1854	Julho, 14: data do orçamento apresentado pelas Obras Públicas do Distrito de Aveiro, para a construção do liceu, no valor de 16:800\$000 réis.
1855	O PROJECTO foi elaborado por AGOSTINHO LOPES PEREIRA NUNES (Goa 07-02-1808 – Aveiro 11-11-1856), director das Obras da Barra e das Obras Públicas do Distrito de Aveiro. Março, 5; Diário do Governo n.º 57 de 8 de Março: António Maria FONTES PEREIRA DE MELO , ministro das Obras Públicas, assina a portaria que manda construir o liceu Março, 26: começa a DEMOLIÇÃO DAS MURALHAS que restavam, desde a parte do nascente até à Porta da Ribeira [extremo norte da actual Rua de Coimbra]; os trabalhos terminaram em 12 de Maio e os materiais foram depositados na Praça Municipal, para serem depois aplicados nas obras do liceu. "Em 1856 ainda, dos alicerces das muralhas das Portas da Ribeira e edifícios anexos, se tirou muita pedra, que foi aplicada à obra do Liceu, que então se estava construindo" (Quadros, 1899: 283). Julho, 19: Sessão da Câmara Municipal em que é dado o alinhamento definitivo para as obras do liceu. Marcaram presença o presidente, o fiscal e os vereadores da Câmara, bem como o autor do projecto, director das Obras Públicas do Distrito. Julho, 20: <i>Relatório</i> do Governador Civil de Aveiro, Antero Albano da Silveira Pinto, apresentado à Junta Geral do Distrito. Antero Pinto propõe-se pugnar pelo rápido início das obras, informando que já existe uma grande quantidade de material destinado àquelas obras e provenientes da demolição de parte do troço norte das muralhas, que incluía a Porta da Ribeira.
1856	Nova mudança de instalações, desta vez para dependências do Convento de Santo António
1860	Janeiro, 26: carta de José Estêvão para o reitor do liceu, o médico FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA QUEIRÓS que tinha sido seu discípulo em Coimbra, camarada nos batalhões académicos e companheiro de exílio e de ideais políticos, dando-lhe instruções para a aquisição de mobília e utensílios. O liceu estava quase pronto. Fevereiro, 15: É INAUGURADO O NOVO LICEU , em edifício construído de raiz expressamente para o efeito. É O PRIMEIRO EDIFÍCIO CONSTRUÍDO EM PORTUGAL PARA ALBERGAR UMA ESCOLA DO ENSINO SECUNDÁRIO. Confrontados com o acinte do <i>Campeão das Províncias</i> , periódico aveirense que, por razões políticas, ignorou a inauguração do novo edifício, teremos de nos contentar com o breve e precioso apontamento deixado por Rangel de Quadros, que acima se transcreveu.
1864	Junho, 20: INCÊNDIO NO PAÇO EPISCOPAL que irá desalojar as repartições que nele funcionavam; a FAZENDA e o GOVERNO CIVIL . Estas duas repartições mudam-se para o rés-do-chão do novo Liceu, onde permanecerão provisoriamente.

<i>cronologia</i>	
<i>ano</i>	<i>factos</i>
	te durante 43 anos...
1881	Na sequência das reclamações da reitoria e da opinião expressa pelo inspector da instrução secundária, o governo, através do ministro do reino [ministério a que pertencia a instrução pública], o aveirense José Luciano de Castro , ordena ao governador civil para providenciar a libertação do liceu por parte das repartições que lhe são estranhas. O ministério progressista caiu em 25 de Março e o regenerador que se seguiu não se mostrou interessado em resolver o problema.
1887	É conhecida a intenção da Junta Geral do Distrito , que advogava a saída do liceu das instalações com pouco mais de um quarto de século, propondo a construção de um novo edifício para o efeito e a entrega do actual às repartições. Nesta altura havia um novo governo dirigido pelo aveirense José Luciano de Castro, que parece ter mudado de opinião entre 1881 e 1887. <i>O Povo de Aveiro</i> . Ano 6, n.º 302 (27 Nov. 1887), p. 1 No seu jornal, Homem Cristo inicia uma campanha violentíssima contra a Junta Geral do Distrito e os partidários da mudança do liceu, mudança que era apoiada também por outro jornal de Aveiro, o Campeão das Províncias , periódico que se tinha virado contra José Estêvão , nos últimos anos da sua vida, chegando ao ponto de nada noticiar sobre o novo liceu e a sua inauguração. Manuel Firmino de Almeida Maia , líder local dos históricos e manifesto inimigo político de José Estêvão, desde finais de 1859, para além de proprietário do <i>Campeão das Províncias</i> era também o governador civil em funções, já que o titular, o conde de Castelo de Paiva, nunca tomou posse do lugar. Ora, como atrás se diz (vd. 1864), as repartições do Governo Civil ocupavam o rés-do-chão do edifício do Liceu. Dezembro, 23: sessão extraordinária do Conselho Escolar para discutir as intenções da Junta Geral, que pretendia tirar o liceu das instalações construídas para o efeito há vinte e sete anos, propondo a construção de um novo edifício.
1888	<i>O Povo de Aveiro</i> . Ano 7, n.º 314 (19 Fev. 1888), p. 1-2 Homem Cristo põe fim à campanha de salvaguarda das instalações do Liceu de Aveiro. Tinha ganho a batalha, mas continuaria atento, como dizia a terminar o seu último artigo da série: "Entretanto ficamos de capa à espera dos acontecimentos".
1895	Agosto, 14: O ministério regenerador de Hintze Ribeiro , com João Franco na pasta do reino e, por isso mesmo, superintendendo na instrução pública, legisla a Reforma de Instrução Secundária , em que se inicia o ensino de classes. Trata-se da reforma que ficou conhecida pelo nome do seu autor, o pedagogo Jaime Moniz . As alterações verificadas a nível da organização do ensino secundário agravaram extraordinariamente a vida do liceu, que lutava com falta de espaço e necessitava com urgência das salas do rés-do-chão. Para já impunha-se DIVIDIR OS AMPLOS SALÕES , para possibilitar o cumprimento da nova legislação. No conselho escolar de 2 de Novembro de 1895, em que o novo reitor, FRANCISCO AUGUSTO DA FONSECA REGALA , tomou assento, encarregou-se o professor de desenho JOÃO DA MAIA ROMÃO de transpor para uma planta as decisões ali tomadas quanto ao aproveitamento dos espaços, que serviria de base a um pedido ao governo para se avançar com a respectiva obra. O professor Romão apresentou as plantas no conselho do dia 2 de Dezembro

<i>cronologia</i>	
<i>ano</i>	<i>factos</i>
1901	No final do ano o liceu acabara de sofrer reparações , o que se conclui do teor da acta do conselho do dia 2 de Dezembro.
1903	Maio, 1: a acta do conselho escolar desta data dá conta DA SAÍDA DAS REPARTIÇÕES DA FAZENDA . Falta o Governo Civil.
1907	O reitor advoga a compra do terreno situado a oés-sudoeste do edifício do liceu, adjacente à sua fachada posterior, para nele se construir o recreio e um ginásio para as aulas de Educação Física. Em Dezembro, o GOVERNO CIVIL COMEÇA A MUDAR para as novas instalações no Terreiro das Carmelitas (troço da actual Rua do Capitão João de Sousa Pizarro, na cabeça da Praça do Marquês de Pombal). Na reunião do conselho escolar do dia 13 de Dezembro, o reitor pede um voto de louvor às personalidades que mais se movimentaram para a resolução dos problemas do liceu. Destacou o ex-governador civil Leopoldo de Sousa Machado, e o governador civil em funções, Dr. Casimiro Barreto Ferraz Sachetti Taveira. Finalmente o liceu fica sem inquilinos impostos e estranhos aos seus interesses e funções.
1908	O reitor Francisco Regala solicita o empenhamento do conde de Águeda, governador civil da altura, para, junto do governo, conseguir as verbas necessárias à compra do terreno adjacente, à construção do ginásio e à "remodelação da divisão interior do edifício do Liceu". O Conde de Águeda, Manuel Homem de Melo da Câmara, "obteve do Estado dois importantíssimos melhoramentos, em via de realização, quais foram uma profunda REMODELAÇÃO DO INTERIOR DESTE EDIFÍCIO e a CONSTRUÇÃO DUM GINÁSIO no TERRENO ADJACENTE à fachada posterior do mesmo edifício."
1910	Janeiro, 27: O reitor é avisado da aprovação, por parte do governo, de um empréstimo de onze contos de réis para as obras do liceu. Abril, 7: O ministro da Fazenda autorizou a realização de um empréstimo de 11:260\$000 réis, junto da Caixa Geral de Depósitos, para as obras e expropriação do terreno destinado a campo de jogos e construção do ginásio. O PROJECTO dos melhoramentos foi da autoria do "conductor [sic] das Obras Públicas" do distrito, JOSÉ DA MAIA ROMÃO , que o desenvolveu com o permanente acompanhamento da reitoria. Faltava agora avançar para a preparação dos campos de jogos e construção do ginásio. A implantação da República e as alterações legislativas que se seguiram ditaram a substituição do reitor que, na reforma de Jaime Moniz podia não pertencer ao corpo docente, o que deixou de ser possível. Foi nomeado reitor o professor ÁLVARO DE MOURA COUTINHO DE ALMEIDA DE EÇA (1910-1926), sobrinho do primeiro reitor do Liceu de Aveiro.
1912	Nos relatórios anuais, o novo reitor queixa-se do atraso no lançamento das obras, apesar de haver verba no Ministério do Fomento, proveniente do empréstimo de 11:260\$000: "adquiriu-se um terreno para ginásio, mas o ginásio não se faz, e o terreno cheio de socalcos, entulhos e ervas nenhuma utilidade tem, porque, naquele estado, nem para recreio pode ser aproveitado" (p.8)
1914	Maio, 6: Decreto n.º 471, que regulamenta a autonomia administrativa dos liceus Dezembro: o Ministério do Fomento liberta algumas verbas para o reinício das

<i>cronologia</i>	
<i>ano</i>	<i>factos</i>
	obras do liceu, na sequência de várias intervenções de dois sucessivos governadores civis.
1915	<p>Janeiro: recomeçam as obras, que serão feitas por administração directa da repartição das Obras Públicas. O reitor continua a queixar-se, agora devido à sua extrema lentidão.</p> <p>Ginásio em construção: "quatro paredes de 6 metros de alto, limitando uma superfície de 240 m², com duas pequenas divisões no topo e um grande salão de 200 m²".</p> <p>Obra feita, devido às possibilidades abertas pelo decreto nº 471 do ano anterior: laboratórios de Física e de Química, anfiteatro para 90 alunos para as Ciências Naturais; compra de mobiliário e de material didáctico</p>
1916	<p>Diário do Governo nº 278, 1ª série de 24 de Novembro: publica o decreto de 18 desse mesmo mês, que eleva o Liceu de Aveiro a LICEU CENTRAL, criando os cursos complementares de Ciências e de Letras que os jovens aveirenses tinham até aí de procurar nos liceus de Coimbra ou do Porto. Era ministro da Instrução Joaquim Pedro Martins, que assim ouviu os argumentos de um grande lutador desta causa, o aveirense e lente da Universidade de Lisboa, doutor JOSÉ MARIA VILHENA BARBOSA DE MAGALHÃES.</p> <p>O ginásio estava semi-pronto nos finais de 1916, mas o palco e os balneários ainda teriam de esperar vários anos, como veremos à frente.</p>
1919	<p>Janeiro, 6: por decreto, a tutela muda o nome do liceu para LICEU CENTRAL DE VASCO DA GAMA.</p> <p>A passagem a liceu central contribuiu para o aumento da população escolar, que esgotou muito rapidamente a capacidade do liceu. O governo acaba por responder afirmativamente aos sucessivos requerimentos do reitor, autorizando a EXPROPRIAÇÃO DO EDIFÍCIO CONTÍGUO AO LICEU E RESPECTIVO QUINTAL, propriedade que tinha pertencido aos Marqueses de Arronches, para o que abriu um crédito de 10.000\$00. Era ministro da Instrução LEONARDO JOSÉ COIMBRA. (Decreto 5470 de 24 de Abril, D.G. nº 89 de 29 do mesmo mês; decreto 5676 de 10 de Maio, Diário do Governo nº 98, 9º suplemento do mesmo dia).</p> <p>As obras começam de imediato, sob a direcção do reitor Álvaro de Eça.</p>
1926	<p>Morre o reitor Álvaro de Eça. É nomeado reitor o professor JOSÉ PEREIRA TAVARES (reitor de 1926 a 1931 e de 1940 a 1957).</p>
1927	<p>O liceu de Aveiro passa a denominar-se LICEU DE JOSÉ ESTÊVÃO (Decreto 13606, de 12 de Maio de 1927, D. G. n.º 99 de 16 do mesmo mês).</p>
1931	<p>Julho, 11: José Pereira Tavares pede a exoneração do cargo de reitor. Em Agosto é nomeado reitor o professor JOÃO JOAQUIM PIRES.</p>
1932	<p>O anexo, a nor-noroeste do edifício principal, já funciona em adaptação de uma casa particular, mas tem problemas muito graves e falta de condições. Além desses problemas "faltam salas para instalar as aulas de trabalhos manuais, de desenho, canto coral, gabinete do médico escolar, vestiário dos alunos, cantina, etc." (p. 10). Acresce que o ginásio continua sem palco e sem balneários (p. 11).</p>

<i>cronologia</i>	
<i>ano</i>	<i>factos</i>
1933	<p>O reitor João Pires continua a denunciar a falta de condições físicas do anexo e a falta de espaços para albergar os mais de 500 alunos. Destaca a conclusão das novas instalações sanitárias que "ficaram bem acabadas". Mostra depois como se conseguiu, com subsídios de 4.500\$00 e o mecenato de várias empresas aveirenses, e também contributos individuais, construir uma cantina que começou a funcionar em 30 de Outubro de 1933.</p> <p>O ginásio viu finalmente o tecto forrado e as paredes guarnecidas, com o apoio financeiro da Associação Escolar.</p>
1940	JOSÉ PEREIRA TAVARES é novamente reitor do liceu.
1941	As condições do edifício anexo continuam muito precárias.
1943	<p>Em despacho do Ministério das Obras Públicas, publicado no Diário do Governo nº 139, 2ª série, de 17 de Junho de 1943, autorizam-se obras de conservação no edifício principal, no valor de 77.300\$00.</p> <p>O reitor continua a pressionar a Junta de Construções para o Ensino Técnico e Liceal, com vista à ampliação do liceu. O governo parece abandonar a ideia de ampliação, inclinando-se para a construção de um novo.</p>
1944	<p>Portaria de 5 de Fevereiro de 1944, Diário do Governo nº 39 de 17 do mesmo mês: publica o plano de obras do Ministério das Obras Públicas, no qual se atribuem 160.000\$00 para o liceu de Aveiro.</p> <p>Decreto-Lei nº 33.618 de 24 de Abril de 1944, Diário do Governo nº 86: devido aos grandes inconvenientes que derivariam das muitas expropriações necessárias à ampliação do liceu de Aveiro, o governo decide construir um novo.</p> <p>Começam as obras de conservação do edifício anexo, que prosseguiram no ano seguinte.</p>
1946	<p>As obras do Anexo continuam paradas: paredes e tectos continuam sem revestimento.</p> <p>Junho, 15: Ofício da Câmara Municipal dirigido ao reitor e assinado pelo ÁLVARO SAMPAIO, professor do liceu que era então o presidente da Câmara. Diz o ofício:</p> <p>"Tenho o prazer de comunicar a V. Ex.^a que, segundo informação da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário, em ofício n.º 993, de 5 do corrente, FOI APROVADO POR SUA EX.^a O SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS, O ANTEPROJECTO DO NOVO EDIFÍCIO DO LICEU DE JOSÉ ESTÉVÃO, a construir no terreno da Quinta das Agradas" (p.4)</p>
1947	<p>Decreto nº 36508 de 17 de Setembro de 1947: publica o novo Estatuto do Ensino Liceal. O liceu passa a denominar-se LICEU DE AVEIRO, perdendo o respectivo patrono.</p> <p>As obras do Anexo continuam paradas</p>
1948	Decreto-Lei nº 36863 de 10 de Maio: é criada a secção feminina do Liceu de Aveiro, que deveria funcionar a partir do ano lectivo seguinte. Tal não se verificará, por falta de capacidade das instalações.

<i>cronologia</i>	
<i>ano</i>	<i>factos</i>
	Iniciam-se as fundações do liceu novo.
1952	<p>Maio, 25: É INAUGURADO O NOVO LICEU</p> <p>A mudança começa no dia 8 de Setembro; as aulas do novo ano lectivo iniciam-se no dia 13 de Outubro</p> <p>O novo liceu, ocupando um espaço de 31.250 m² só ficou completamente mobilado em 24 de Fevereiro de 1953</p> <p>Faltam salas ao liceu novo; não há possibilidade física de instalar a secção feminina, como a legislação obrigava</p> <p>UMA NOVA ESCOLA OCUPA O EDIFÍCIO INAUGURADO EM 1860</p> <p>O edifício do velho liceu é entregue à ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE AVEIRO (EICA), que sobrevivia em péssimas condições, na Casa de Despacho e outros anexos da Misericórdia e que, desde a sua fundação em 1893 nunca tivera instalações com um mínimo de dignidade.</p> <p>A EICA, que no ano lectivo de 1951-1952 tinha tido 404 alunos matriculados, em 20 de Agosto, com as novas instalações, já contava com a matrícula de 502 alunos para o ano lectivo de 1952-1953.</p>
1952	<p>Pequena notícia na imprensa local</p> <p><i>Correio do Vouga</i>. Ano 22, n.º 1106 (6 Set. 1952), p. 2 e n.º 1114 (1 Nov. 1952), p. 2:</p> <p>"Escola Industrial e Comercial</p> <p>No edifício do antigo Liceu, à Praça da República, começaram já a funcionar algumas aulas da Escola Industrial e Comercial. No velho e impróprio edifício, situado junto à igreja da Misericórdia, ficarão apenas as oficinas.</p> <p>Esta solução, porém, é transitória, pois a Escola, que tem actualmente uma frequência de mais de 500 alunos, carece de novas e grandes instalações.</p> <p>O projecto já foi superiormente aprovado e a construção, ao que nos consta, deve começar em breve, em terrenos próximos do novo Liceu."</p>
1956	<p>Maio, 24: SÃO INAUGURADAS AS NOVAS INSTALAÇÕES DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE AVEIRO. A EICA abandona as instalações do velho liceu que, quase a completarem 100 anos, são entregues de novo ao Liceu de Aveiro.</p> <p>vd. <i>Litoral</i>, ano 2, n.º 86 (26 Maio 1956), p. 1, 2 e 4; n.º 87 (2 Jun. 1956), p. 1 e 10.</p> <p>Do relatório do reitor:</p> <p>"Por se continuar a verificar o progressivo aumento de candidatos à matrícula, e por se ter dado a feliz coincidência de vagar o antigo edifício onde durante tantos anos funcionou este LICEU, SITO NA PRAÇA DA REPÚBLICA, VOLTOU ESTE MESMO EDIFÍCIO A SER ENTREGUE AO LICEU NACIONAL DE AVEIRO e nele se instalaram seis turmas, satisfazendo-se deste modo a necessidade social de permitir que cerca de 200 alunos encontrassem lugar na Escola que desejavam frequentar". In <i>Anuário do Liceu de Aveiro (1956-1957)</i></p>
1957	<p>O reitor JOSÉ PEREIRA TAVARES ATINGE O LIMITE DE IDADE e é jubulado; é NOMEADO REITOR O PROFESSOR ORLANDO DE OLIVEIRA (reitor de 1957 a 1974)</p>

<i>cronologia</i>	
<i>ano</i>	<i>factos</i>
	<p>Para ocupação do velho liceu decidiu-se</p> <p>1. limpeza, conservação e PEQUENAS ADAPTAÇÕES NO EDIFÍCIO PRINCIPAL</p> <p>2. DEMOLIÇÃO DO ANEXO E CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PAVILHÃO COM TRÊS PISOS</p> <p>Os trabalhos no edifício principal começaram ainda em 1957 e o velho edifício recebeu nesse ano 9 turmas com cerca de 300 alunos.</p>
1958	O velho liceu transforma-se na SECÇÃO FEMININA DO LICEU NACIONAL DE AVEIRO , recebendo 12 turmas do curso geral.
1959	<p>Janeiro, 23: concurso público para arrematação da empreitada de AMPLIAÇÃO E BENEFICIAÇÃO DO ANTIGO LICEU DE AVEIRO, com PROJECTO DA DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS.</p> <p>A Secção Feminina do Liceu de Aveiro recebe 14 turmas. Continuam as obras de construção do novo pavilhão.</p>
1960	Outubro, 15: continuam as obras na Secção Feminina que, nesta data, são visitadas pelo Subsecretário de Estado da Educação Nacional. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa. <i>Litoral</i> , ano 7, n.º 312 (15 Out. 1960), p. 4.
1961	O NOVO PAVILHÃO DE TRÊS PISOS FICA CONCLUÍDO E COMEÇA A FUNCIONAR NESSE ANO LECTIVO , com autorização especial da Direcção dos Edifícios Nacionais do Centro, já que não tinha ainda sido feita a entrega formal ao Liceu. vd. <i>Anuário do Liceu Nacional de Aveiro (1961-1962)</i> , p. 13
1975	<p>Decreto-Lei n.º 260-B/75 de 23 de Maio, publicado no Diário da República, 1.ª série, n.º 121 de 26 do mesmo mês: criou a ESCOLA SECUNDÁRIA DE AVEIRO.</p> <p>O quadro de pessoal docente desta nova escola de Aveiro foi criado pela Portaria n.º 326-A/75 de 26 de Maio, publicada no mesmo Diário da República.</p> <p>Faltava a esta escola, existente no papel, existir na realidade: havia professores, faltava ter alunos, funcionários e instalações. São estes professores, em autêntica autogestão, que se organizam e deslocam a Lisboa, conseguindo que lhes seja entregue o edifício da secção do Liceu Nacional de Aveiro, à Praça da República, que passa assim para uma nova escola, a ESCOLA SECUNDÁRIA DE AVEIRO.</p>
1979	Portaria n.º 608/79 de 22 de Novembro, publicada no Diário da República, 1.ª série, n.º 270, do mesmo dia: a Escola Secundária de Aveiro passa a denominar-se ESCOLA SECUNDÁRIA N.º 2 DE AVEIRO .
1987	Portaria n.º 261/87 de 2 de Abril, publicada no Diário da República, 1.ª série, n.º 77, do mesmo dia: A Escola Secundária N.º 2 de Aveiro passa a denominar-se ESCOLA SECUNDÁRIA DE HOMEM CRISTO .
1991	Outubro: Acordo firmado pela Câmara Municipal de Aveiro e Direcção Regional da Educação do Centro. A Câmara constrói três novas escolas e receberia as instalações da Escola Secundária de Homem Cristo, que seria extinta. Este acordo foi fortemente contestado pela comunidade escolar e a escola, apesar de espoliada durante alguns anos, de parte das suas instalações (o 3.º piso do Pavilhão), voltou novamente à situação anterior.
1994	A Câmara Municipal de Aveiro ocupa o 3º piso do pavilhão, colocando uma escada de estrutura metálica no exterior e fechando a ligação com o interior da

cronologia	
ano	factos

escola.

- 2003 A Câmara Municipal devolve o 3º piso do pavilhão à Escola, que retirou as escadas metálicas e fez regressar o espaço à forma anterior.

bibliografia

- CARVALHO, Alcino (2001) – Notas históricas sobre o Liceu de Aveiro: 1851-1974. In *Labor: Revista de Professores*. Aveiro: Labor - Associação Cultural de Professores. Série 4, n.º 4 (Maio 2001), p. 8-88.
- GOMES, José Augusto Marques (1875) – *Memórias de Aveiro*. Aveiro: Tipografia Comercial, 1875. 211, [4] p.
- GOMES, José Augusto Marques (1899) – *Subsídios para a história de Aveiro*. Aveiro: Tipografia do Campeão das Províncias, 1899. 631, [1] p.
- LABOR: Revista trimestral de educação e ensino e extensão cultural*. Direcção de José Tavares e Álvaro Sampaio. Ano 1, n.º 1 (Jan. 1926) – Ano 1, n.º 2 (Abr. 1926). Aveiro. Na capa, em subtítulo: "Revista Trimestral do Liceu de Vasco da Gama"
- LABOR: Revista trimestral de educação e ensino e extensão cultural*. Direcção de José Tavares e Álvaro Sampaio. Ano 1, n.º 3 (Jul. 1926) – Ano 1, n.º 4 (Out. 1926). Aveiro. Na capa, em subtítulo: "Revista Trimestral do Liceu de Vasco da Gama e órgão provisório do professorado liceal"
- LABOR: Revista bimestral de educação e ensino e extensão cultural*. Direcção de José Tavares e Álvaro Sampaio. Ano 2, n.º 5 (Jan. 1927) – Ano 2, n.º 7 (Maio 1927). Aveiro. Na capa, em subtítulo: "Revista Trimestral do Liceu de Vasco da Gama e órgão provisório do professorado liceal"
- LABOR: Revista bimestral de educação e ensino e extensão cultural*. Direcção de José Tavares e Álvaro Sampaio. Ano 2, n.º 8 (Jul. 1927) – Ano 5, n.º 28 (Dez. 1930). Aveiro. Na capa, em subtítulo: "Revista Bimestral do Liceu de José Estêvão e órgão provisório do professorado liceal".
- LABOR: Revista mensal de educação e ensino e extensão cultural*. Direcção de José Tavares e Álvaro Sampaio. Ano 6, n.º 29 (Jan. 1931) – Ano 6, n.º 38 (Dez. 1931). Aveiro. Na capa, em subtítulo: "Revista Mensal do Liceu de José Estêvão e órgão provisório do professorado liceal".
- LABOR: Revista mensal de educação e ensino e extensão cultural*. Direcção de José Tavares e Álvaro Sampaio. 2ª Série, Ano 7, n.º 39 (Out. 1932) – Ano 11, n.º 75 (Out. 1936). Aveiro. Na capa, em subtítulo: "Revista de Ensino Secundário".
- LABOR: Revista mensal de educação e ensino e extensão cultural*. Direcção de José Tavares e Álvaro Sampaio. 2ª Série, Ano 11, n.º 76 (Nov. 1936) – Ano 14, n.º 110 (Jun. 1940). Aveiro. Na capa, em subtítulo: "Revista de Ensino Liceal".
- LABOR: Revista de ensino liceal*. Propriedade, direcção e edição de José Tavares e José Augusto Teixeira. 3ª Série, Ano 15, n.º 111 (Mar. 1951) – Ano 37, n.º 312 (Jun. 1973). Aveiro.
- LABOR: Revista de Professores*. Aveiro: Labor - Associação Cultural de Professores. 4ª Série, n.º 1 (Dez. 1996); n.º 2 (Jun. 1999); n.º 3 (Dez. 2000) e n.º 4 (Maio 2001).

bibliografia

ISSN 0873-2930. Sem periodicidade estabelecida.

- LICEU de Aveiro – *Anuário do Liceu Nacional de Aveiro*. Aveiro: [Liceu], 1896-1963. Publicou-se por ano lectivo de 1895/96 a 1900/01, 1906/07 a 1915/16, 1926/27 a 1933/34 e 1940/41 a 1962/63; o número referente a 1926/27 tem um resumo dos anos 1916/17 a 1925/26; o número de 1940/41 tem um resumo dos anos 1934/35 a 1939/40; o título do anuário acompanhou as diferentes denominações do liceu (Nacional, de Vasco da Gama, de José Estêvão).
- MARTINS, Arsélio [et al.] – *1974-1999, 25 anos de escola. Depoimentos de dirigentes das escolas de Aveiro: um jogo com espelhos*. Aveiro: Labor. 105 p. Número monotemático da "Labor: Revista de Professores", série 4, n.º 3 (Dez. 2000), ISSN 0873-2930.
- PINTO, Antero Albano da Silveira; NEVES, Francisco Ferreira (apres.) (1956) – O distrito de Aveiro há cem anos. Três relatórios. Relatório apresentado à Junta Geral do distrito de Aveiro na sua sessão ordinária de 20 de Julho de 1855 pelo governador civil do mesmo distrito. In *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Vol. 22, n.º 85 (Jan.-Mar. 1956), p. 10-39
- QUADROS [Oudinot], [José Reinaldo] Rangel de (1899) – Murallas d' Aveiro. In GOMES, José Augusto Marques – *Subsídios para a história de Aveiro*. Aveiro: Tipografia do Campeão das Províncias, 1899. p. 262-322.
- QUADROS [Oudinot], [José Reinaldo] Rangel de (2000) – *Aveirenses notáveis*. Aveiro: Câmara Municipal, 2000. 447 p. (Apontamentos Históricos). ISBN 972-47-0457-2
- TAVARES, José Pereira (1935a) – O Liceu de Aveiro. In *LABOR: Revista mensal de educação e ensino e extensão cultural*. Aveiro. Ano 9, n.º 63 (Abril 1935), p. 504-516. Exposição lida na sessão solene realizada em 15 de Fevereiro de 1935 na Biblioteca do Liceu de Aveiro. Publicou-se separata.
- TAVARES, José Pereira (1935b) – *O Liceu de Aveiro: 1860-1935*. Aveiro: Labor, 1935. 22 p. Separata do n.º 63 da LABOR.
- TAVARES, José Pereira (1937a) – História do Liceu de Aveiro. In *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 3, n.º 9 (Jan.-Mar. 1937), p. 47-64; n.º 10 (Abr.-Jun. 1937), p. 136-150; n.º 11 (Jul.-Set. 1937), p. 221-231; n.º 12 (Out.-Dez. 1937), p. 273-280. Publicou-se separata.
- TAVARES, José Pereira (1937b) – *História do Liceu de Aveiro*. Figueira da Foz: Tipografia Popular, 1937. 55 p. Separata do vol. 3 do "Arquivo do Distrito de Aveiro".
- TAVARES, José Pereira (1999) – *Exame de consciência: Vera de me loquar; alteros verissime indicabo*. 1ª ed. póstuma. Aveiro: Labor – Associação Cultural de Professores, 1999. 153 p. (Vidas & Ideias; 1). ISBN 972-98233-0-8.
- UNIVERSIDADE de Coimbra (1835) – Relação e índice alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1835 para 1836, suas naturalidades, filiações e moradas. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1835.42,[1] p.
- UNIVERSIDADE de Coimbra (1836) – Relação e índice alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1836 para 1837, suas naturalidades, filiações e moradas. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1836. 46, [1] p.
- UNIVERSIDADE de Coimbra (1837) – Relação e índice alfabético: estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1837 para 1838, suas naturalidades, filiações e moradas. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1837. 42, [1] p.
- VASCONCELOS, José Máximo de Castro Neto Leite e (ed.) (1851) – Coleção Oficial

bibliografia

da Legislação Portuguesa: Ano de 1850. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

VASCONCELOS, José Máximo de Castro Neto Leite e (ed.) (1856) – Coleção Oficial da Legislação Portuguesa: Ano de 1855. Lisboa: Imprensa Nacional, 1856.